

# Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, primeira quinzena de setembro de 1997 - ano I, nº 8.

boletim

## Carta para Ana

depois de ler *O cachorro e o lobo*, de Antônio Torres

Germana H. P. de Sousa

Brasília, 1 de setembro de 1997.

**O**xente Aninha! Pois não é que o homem já escreveu o nosso livro? Nossa história? Ou quase... Mas, as diferenças são poucas. Junco-Itaporanga: uma só cidade, como tantas pelo sertão adentro. O mesmo traçado de ruas, as casinhas de porta-janela viradas para a rua, como assentadas nas calçadas, de todas as cores, a minha todo ano mudava de cor, azul, amarela, ou verde, dependendo do humor de meu pai. O colégio ficava numa das pontas da minha rua e a Praça da Matriz na outra. E hoje, como na Junco de Totonhim, as mesmas antenas parabólicas, grandes bocas abertas para o céu, bebendo o ar e o escuro da noite.



Pois é, Aninha, como é difícil voltar, e como é impossível não querer voltar mais. A gente fica suspensa entre um ir e um voltar. O que é que nos constitui Ana? é o "sertão, sempre seco sem secar"? e se é, porque a gente não volta e fica; tomar água de cacimba, levar corrida de cobra, sonhar com botija, moer cana no engenho.

Mas Ana, Totonhim volta e encontra o pai, sadio e sábio. Um velho desses que a gente ouvia falar nas rodas de conversas dos mais velhos nas noites claras de lua. Um velho assim como meu avô Zeca Henrique, que todo mundo ouvia, que resolvia pelegas de faca ou outras pendengas de casamento arranjado, ou de moça bulida; ou então um velho feito meu avô João Pereira, pai do meu pai, que da varanda da casa grande, no sítio, me mostrava a serra onde

morava o "caboco brabo". Mas o meu pai quando eu voltei, já tinha sido levado por seis tiros a queima roupa enquanto cochilava num fim de tarde em sua cadeira de balanço. Foi uma morte anunciada impedida por ninguém. E que diferença fez para Totonhim (o meu pai era Antonio, "Tonho"), ver esse pai em pé e dono de sua vontade. Entretanto, esse mesmo pai, o Antão velho, tem outra versão, como uma carta de baralho de duas faces. Uma sóbrio-sábio, outra bêbado, escornado nas calçadas. Qual é a verdadeira dessas duas caras, a que Totonhim viu, ou a que, talvez, o velho tenha escondido? Eu vi as duas faces de meu pai, Ana, e o que eu não vi eu adivinhei. Partilhei das noites de vigília com as mulheres contadoras de histórias, subi em cruzeiros, e tomei banho em cachoeiras secas. Partilhei do segredo do sertão, mesmo tendo ido embora, a se-mente ficou plantadinha lá dentro, como em tu também.



E a gente chora quando lê um livro assim porque o que ele conta a gente já viu mil vezes na cara dos que voltam sem nada como Nelo, na cara das crianças de bucho inchado, e dos enganados pelo apelo fácil da cidade grande. Chora porque sabe do desespero dos homens obrigados a botar comida no prato dos filhos sem ter de onde tirar. Chora quando vê, como eu vi em 73, um ano de seca, os agricultores invadindo a feira e levando bordoada de macaco. Chora quando vê a resignação e a penitência, e chora de certeza de que a modernidade passa por



(continua)

Sexta, dia 12 de setembro

# UM CRIME DELICADO

de Sérgio Sant'Anna

O novo romance do  
escritor carioca é o tema da próxima  
reunião do GT.

Sexta, 12 de setembro, às 16 hs., na  
sala B1-253 (ICC Centro).  
PARTICIPE!

O CACHORRO E O LOBO

## Carta para Ana

(continuação)

cima da casca, mas o miolo da seca fica dentro. Ana, será que de onde Antônio Torres saiu tinha algum pé de cajarana, mal-assombrado, que lhe contou toda essa história? Ou foi conto sonhado, coisa contada no meio do sono por almas do outro mundo? Eu só sei Ana que a tua e a minha história estão lá dentro desse livro, contada em filigrana só para iniciado ler. Quem quiser que conte outra.



Germana H. P. de Sousa é nascida e criada em Itaporanga, PB.

## O olhar de quem vê

Regina Dalcastagnè

Antonio Torres - *O cachorro e o lobo*. Rio de Janeiro: Record, 1997, 220 pp.

**S**e a realidade só chega até nós enquanto construção de significados, o que define o olhar de quem vê? Sua experiência do mundo, a ideologia que encobre todas as relações sociais, um complexo emaranhado de afetividades? Talvez pudéssemos desvendar um homem se conseguíssemos desmontar o mecanismo do seu olhar. Invadiríamos então a sua história, penetraríamos em cada pequeno gesto, em cada movimento que lhe permitiu ver mais, ou menos, do mundo que o cerca, freqüentariamos sua memória e seus sonhos, tremeríamos de medo cada vez que um de seus fantasmas se apresentasse. Só então entenderíamos o que é ser o outro, aquele que está do lado de lá da nossa existência.

Totonhim, o narrador de *O cachorro e o lobo*, é, fundamentalmente, um olhar - contaminado, aturdido, repleto de conflitos. Um olhar que se desdobrou desde 1976, quando o *Essa terra* saiu da gráfica e chegou até seus leitores. Um olhar que amadurece depois de vinte anos, e que volta agora para ver mais, ainda que isso doa. Mas é também um olhar que foge das páginas do livro e se estende sobre nós, nordestinos, sulistas, brasileiros, enfim. Um olhar que nos revela e expõe.

Aqui, eu pretendia falar das diferenças do olhar do narrador de *Essa terra* e *O cachorro e o lobo*. Queria analisar o que essas mudanças significavam dentro do

nosso próprio contexto sócio-político-cultural. Tinha a impressão de que precisava dizer o quanto o Totonhim éramos nós. Mas depois de ler o texto da Germana, percebi que o mais importante já havia sido dito. Que o livro de Antônio Torres nos revela tanto que é capaz de expor até alguém que está ali, do nosso ladinho, todo dia, fazer brilhar tantas facetas que nunca tínhamos visto antes. Germana acaba de invadir a trama de Antônio Torres, e se inscrever lá como personagem dessa história que é nossa.

E sendo personagem, podemos acompanhá-la menina, correndo pelas ruazinhas de Itaporanga, sonhando com botija e com a cidade grande. Podemos ouvir a conversa de seus avós e das mulheres com quem ela compartilhou suas primeiras histórias. Podemos até sofrer o pai morto e a miséria da sua gente. Só não podemos desmontá-la, como a um mecanismo. Afinal, o olhar de quem vê é complexo demais para nossas vãs expectativas.

Aqui, eu pretendia falar também dos problemas de estrutura do romance de Torres, das personagens nem sempre bem aproveitadas, do uso desleixado do *Pedro Páramo* de Juan Rulfo. Mas isso pode ficar para outra hora. Se um livro consegue suscitar reações como a de Germana, ele está cumprindo um dos mais belos papéis da literatura - nos aproximar do outro, daquele que permanece do lado de lá da nossa existência.

Regina Dalcastagnè é professora de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília.

Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br